

A Anti-Imagem LGBTQIAP+ nas Escolas: Reflexões e Perspectivas

Carlos Daniel Gonçalves Carlesso¹

Dominique da Silva²

Icaro Gabriel Da Fonseca Engler³

Resumo: Este relato de experiência visa analisar as inter-relações entre a comunidade LGBTQIAP+, como presentes e futuros docentes de sociologia, e a estrutura da escola enquanto instituição, tendo como base as experiências adquiridas ao atuar no ensino médio das escolas estaduais “Effie Rolfs” e “Dr. Raimundo Alves Torres” no município de Viçosa (MG), em colaboração com o curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Para a literatura científica, utilizaram-se referências teóricas relativas à compreensão da escola como configuração institucional pertencente aos dispositivos que fazem parte dos aparelhos ideológicos do Estado dito por Althusser; como um instrumento estruturante de violência simbólica na percepção bourdieusiana; e na sua função constitucional vinculada ao dever e prática social. A partir dessas concepções, observou-se que esse aparelho educacional está sob o domínio de classes conservadoras que reafirmam um perfil de cidadão e valores específicos, assumindo uma postura, que reverbera na tese do segundo sexo de Beauvoir, de silenciamento e exclusão das pautas LGBTQIAP+ enquanto uma anti-imagem, primeiro definida consoante aos ideais conservadores, e, em seguida a contraponto desses princípios. Assim, aponta-se a necessidade de políticas de afirmação para corpos LGBTQIAP+ para as instituições educacionais, a fim de garantir a função da escola de abranger todos os processos formativos que se desenvolvem dentro e fora de seu espaço, contemplando perspectivas receosas de docentes de sociologia LGBTQIAP+ em formação, diante de instituições educacionais estagnadas e amparadas em denegação às pautas e vivências desta comunidade.

Palavras-chave: PIBID; Sociologia; Escola; LGBTQIAP+; Docentes.

INTRODUÇÃO

Para compreender e construirmos as ideias desse relato de experiência é preciso primeiro compor a interseccionalidade de três cenários complementares. Primeiro, o cenário construído e alimentado pelo caráter sociológico. Segundo, o cenário permitido pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência; E terceiro, o cenário de fatos sociais que cercam a comunidade LGBTQIAP+ que se propõe a analisar.

¹ Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal - UFV, Carlos.carlesso@ufv.br

² Graduado pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal - UFV, Dominique.Silva@ufv.br;

³ Professor orientador: Doutor & Professor, Universidade Federal de Viçosa - UFV, Icaro.engler@ufv.br.

A sociologia, é banalmente definida como ciência que estuda a sociedade, ela surge em função do conjunto de fenômenos, que se consagram em marcos históricos, como a Revolução Francesa, Revolução Industrial e as Grandes Navegações, resultando transformações econômicas, políticas, ideológicas e culturais, ou seja, em fatos e fenômenos sociais das relações humanas que tenderam a se tornar cada vez mais complexas. Assim, a sociologia se consolida da necessidade de entender as bases da vida social dos indivíduos e da estrutura social, por meio de métodos científicos que permitem a observação, análises e as explicações plausíveis, pautadas pelo racionalismo e comprovação empírica.

Acerca da teoria prática, o sociólogo é um analista crítico da realidade, buscando apresentar os constantes fatos sociais não mascarados ou dissimulados por preconceitos, superstições e interesses turvos de pessoas ou grupos e sim em sua realidade factual. E aqui se dá ênfase no caráter “crítico” dos processos sociais, que amplia o conhecimento e age como instrumento argumentativo do discurso de seu objeto, isto é, os indivíduos sociais, pois é pelo processo crítico e reflexivo que todo conhecimento e suas formas de aplicação permitem reconhecer e transformar a realidade (MARIOSIA, 2008, p. 87). Sendo nesse processo, de caráter da formação de sociólogos, que Bourdieu (2010) define como “ofício do sociólogo”, qualificar-se na observação empírica das práticas cotidianas, na análise das estruturas sociais e na reflexão crítica sobre as relações de poder existentes na sociedade. (SCARTEZINI, 2011, p. 26-31)

O segundo cenário advém do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que permite a inserção de alunos da graduação em dedicação ao estágio nas escolas públicas, conforme o magistério, possibilitando uma antecipação de vínculos entre professores em formação com cotidiano funcional e real da escola. O Programa permite através dessa articulação um contato direto com a realidade da escola que está atravessada por diversas especificidades. As instituições apresentadas neste relato, se trata de duas escolas estaduais localizadas no município de Viçosa (MG) na região central da cidade. “Effie Rolfs” e “Dr. Raimundo Alves Torres” que estão sob aplicação da Lei nº 13.415/2017 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio e amplia o tempo mínimo que o estudante deve permanecer na escola, sendo oferecido o ensino em horário integral, e contemplando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) onde possibilita a oferta de itinerários formativos com foco em formação técnica e profissional e diversas áreas de conhecimento.

Desse modo, por se tratar de duas escolas localizadas no centro da cidade, elas recebem estudantes de diversas áreas da cidade, tanto as centrais, como as rurais e periféricas, tornando a escola um ambiente com abundante diversidade de costumes, crenças e culturas, expressas em coisas mais exteriorizadas (roupas, músicas, acessórios, linguagem) e em coisas interiorizadas (religião, os princípios, a visão de mundo entre outras subjetividades) que é possível notar nas duas escolas. E por se tratar do núcleo de Sociologia, que nesse contexto legal abrange as oficinas de Projeto de Vida, Introdução ao Mundo do Trabalho, para as turmas do primeiro ao terceiro ano, os debates, as didáticas e os conteúdos aplicados nos possibilitam enxergar os alunos e o corpo de professores de forma ampla, tornando o ambiente escolar um lugar de experiência e de troca de saberes cotidianos e de diferentes perspectivas.

Outro aspecto que se nota e destaca é a função da escola enquanto instituição, descrita na Constituição de 1988 no Art.205, na qual delega a “educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Porém, esse cenário se desenha de forma controversa com a realidade em que se dá a escola num todo, tanto em seus componentes que estruturam a funcionalidade da escola - os professores, auxiliares de serviço da educação básica (ASBs), diretores, supervisores entre outros - quanto em seus componentes alvo que é todo corpo estudantil.

Por fim, o terceiro cenário está associado aos fatos sociais que cercam a comunidade LGBTQIAP+, visto que nas últimas décadas pode se observar o aumento dos debates acerca das pautas que permeiam a sexualidade e gênero. O tema se faz presente hoje em diversas camadas sociais, como as agendas políticas que buscam a implementação de políticas públicas a fim de garantia de direitos e avanços na arena civil e representativa. Como na área do entretenimento, na qual os artistas se tornam referência ao falarem sobre sua sexualidade nas redes sociais e também ganharam destaques nas músicas e nos personagens de suas novelas e livros, resultando em uma onda de celebrações LGBTQIAP+ no âmbito internacional.

Paralelamente, houve uma intensa onda de resistências das pautas frente a preconceituosas discussões fundamentadas no conservadorismo da igreja, por meio dos movimentos sociais que estão, desde 1980, mais engajados e em maior mobilização para ampliar o debate, bem como no espaço da produção de pesquisas acadêmicas e especialização

de profissionais que levam o debate para a nível científico (FACCHINI; DANILIAUSKAS; PILOS, 2013, p. 161-172). Isso demonstra como a sociedade está numa luta pela construção ou manutenção simbólica de seus grupos, com os grupos LGBTQUIAP+ lutando contra uma estrutura heteronormativa presente e dominante nesses espaços sociais, que acentuam a distinção de suas posições e campos de seus próprios interesses. (BOURDIEU, 2007, p. 212-240)

Assim, voltando ao ofício do sociólogo, citado anteriormente e somando ao contato oferecido pelo PIBID às instituições educacionais como espaço e entidade que abrange em seu corpo, indivíduos com diversas subjetividades, a bagagem teórica e empírica trazida pela formação acadêmica e conseqüentemente por esse núcleo de ciência interpretativa e de observação à ambas as escolas, torna-se mais rápido o processo de análise crítica e reflexiva das instituições de ensino básico como um grande e importante palco de relações sociais (MARIOSAL, 2008, p. 88). Entendimento este, que é fundamental para Gomes que conclui acerca do contexto escolar que:

“os educadores e as educadoras encontram-se desatentos/as ao fato de que educação, a raça e o gênero são relações imersas na alteridade. É preciso compreender que os sujeitos envolvidos no processo educacional – professores, professoras, alunos, alunas, pais e mães –constroem diferentes identidades ao longo da sua história de vida e profissional. A escola é um dos espaços que interfere e muito no complexo processo de construção das identidades. O tempo de escola ocupa um lugar privilegiado na vida de uma grande parcela da sociedade brasileira. Esse tempo registra lembranças, produz experiências e deixa marcas profundas naqueles que conseguem ter acesso à educação escolar. Tais fatores interferem nas relações estabelecidas entre os sujeitos e na maneira como esses veem a si mesmos e ao outro no cotidiano da escola. (GOMES, 2010, p. 68)

Assim compreender o espaço escolar imbuído pela alteridade é reivindicar a experiência, constituindo assim uma maneira de existir no mundo, de se inserir no mundo, inclusive nos espaços de conflitos e convivências que Larrosa atribui aos ambientes educacionais (LARROSA, 2011, p.24).

METODOLOGIA

Este relato de experiência parte de reflexões feitas através de atividades relacionadas ao PIBID nas duas escolas, sendo essas a leitura dos conteúdos apresentados em sala, as atividades pedagógicas construídas junto dos professores, a regência e o acompanhamento das aulas principalmente de Sociologia, mas também em Projeto de Vida e Introdução ao mundo do trabalho. Sendo assim este relato busca recorrer enquanto observação participante (LISETE et al. 2017, p. 724-733).

Deste modo, busca-se a correlação entre as teorias levantadas, e que guiam este relato, e os cenários descritos: a formação do sociólogo, a experiência do Pibid enquanto palco das relações sociais e educacionais e a interseção das pautas LGBTQIAP+ em suas diversas subjetividades. Por fim, através dessas experiências práticas este relato busca apresentar as seguintes reflexões: a) qual tipo de cidadão que a escola busca preparar; b) a controvérsia presente no ambiente escolar c) a perspectiva futura de professores LGBTQIAP+ em formação dentro do cenário escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As motivações que formularam esse estudo se devem inicialmente ao contexto de retorno ao ambiente escolar em um núcleo de sociologia composto por 30 pessoas, sendo sua maioria representada e pertencente a comunidade LGBTQIAP+. Assim ocupando as instituições educacionais como Sociólogos em formação capacitados, segundo o ofício do sociólogo de Bourdieu, em coleta de dados e evidências sobre o comportamento social cotidiano, em investigações das normas e sistema que configuram as interações sociais e em análise das hierarquias, desigualdades e dinâmicas de poder que atravessam a instituição educacional e seu espaço, denota, assim como o crescimento das pautas, uma mudança e maior presença de docentes LGBTQIAP+. E prediz a partir disso, que haverá adversidades entre essa nova geração de professores, com outras mentalidades e formas de ler e se inserir na realidade, e nas expectativas desses sujeitos sobre o que vivenciarão em um espaço consolidado em tradicionalismos, que consideram a existência ou características das

personalidades “Queer”⁴ no âmbito escolar como risco a suas tradições. (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010)

Diante desse contexto constroem-se dúvidas e preocupações dos docentes LGBTQIAP+ em formação com o mercado de trabalho e com sua futura carreira profissional e pessoal, pois estes reconhecem que sua orientação sexual e identidade de gênero permeia as suas atividades, seu cotidiano e que historicamente a comunidade compartilha insatisfação com a LGBTQIAPfobia em suas trajetórias pessoais e profissionais ao terem que se autocontrolar, se ocultar e serem constrangidas para expressar apenas personalidades aceitáveis, ou seja, hétero e cisgênero (TOLEDO, 2018, p. 122-129). Ao que Norbert Elias, debruçando sobre as relações sociais, acentua que esses mecanismos de autocontroles por constrangimentos sociais nunca é um processo indolor e que a pessoa pode sofrer como as feridas desses embates interacionais na construção da própria identidade e continuar com distúrbios ou mesmo destruir suas relações sociais, se tornando um pária social. (1990, p. 193-241)

Buscando analisar o ambiente escolar de um modo amplo e sua inter-relação com a temática LGBTQIAP+, visou-se entender qual perspectiva se desenha para os futuros professores LGBTQIAP+ dentro das adversidades apresentadas no ambiente escolar. Deste modo, através das atividades desenvolvidas pelo PIBID, pode-se identificar como a escola reproduz, o que para Althusser (1970) se trata de um fundamental aparelho ideológico do Estado, que contribui para que a reprodução das relações sociais, seja em reafirmação de uma classe dominante, de ideologia burguesa, impondo certos padrões de comportamentos. Caso que se evidencia no que diz respeito do posicionamento da escola perante a relações afetivas de seus alunos, onde buscam “instruir” os pais e responsáveis e a punir seus alunos que demonstram comportamentos afetivos de relações LGBTQIAP+, o que não ocorre com afetos heteronormativos, onde não há nenhuma posição tomada pela escola nem com os responsáveis nem com os alunos, sendo uma cenário naturalizado pela própria escola o que nos leva a perceber como a heteronormatividade não só está integrada, mas também reforçada nesse ambiente.

⁴ Queer são esses sujeitos que corporificam a indefinição desconcertante de estar sempre transitando ou atravessando a fronteira que separa os gêneros e as sexualidades. Para além de desestruturar os binarismos, definições ou dicotomias de gênero, os corpos queer evidenciam a possibilidade do atravessamento constante destas fronteiras de gênero, representando uma postura contrária à normalização, destacando o que está fora do padrão convencional. Ela é transgressora e anti-normalizadora, conceituando sujeitos que desafiam as certezas estabelecidas e criam novas formas de expressar seus corpos e desejos. (CHAVES; DA NOBREGA, 2015, p. 4)

Outro exemplo a ser citado foi uma atividade, onde buscou-se um debate acerca de temas que fazem parte do cotidiano dos alunos, a fim de levantar questões que coincidem com sua realidade. Foram apresentadas diferentes perspectivas e visões de mundo e as questões de gênero e sexualidade estavam presentes nos debates, assim como questionamentos a respeito dessa temática levantada pelos próprios alunos que demonstram certa naturalidade para lidar com o tema assim com um conhecimento prévio sobre a questão, que pode ser influenciada por seus meios sociais. Já os professores demonstram certa cautela e rigidez quando esta pauta está em debate, visto que muitos desses professores também estão carregados de influências externas gerando uma imagem contraditória da escola, pois para os alunos este tema está presente em seu cotidiano e em suas ações e os professores se comportam como se fossem isentos desse debate com a justificativa de que a escola não deve permear esse debate mesmo a escola sendo pertencente a esse lugar de formação cidadã

Através do uso da instituição enquanto canal de molde para a cidadania, a escola se fundamenta enquanto entidade estruturante da sociedade e esse tipo de posicionamento, que se nega a enxergar a existência de pessoas que contrariam a normatividade de gênero e sexualidade, assim como contribui para a perpetuação de discursos LGBTQIAPfóbicos dentro e fora de seu espaço. O conceito de cidadão formado através da escola corresponde a uma expectativa heteronormativa, que exclui as expressões de identidades não-normativas nesses ambientes sendo perpetuada a cultura heteronormativa na formação do cidadão para o mercado de trabalho e em seu papel enquanto cidadão civil. (PICCHETTI, 2014)

Ilustra-se, na última década, as escolas como campo de disputas e interesses dos grupos conservadores e dos grupos LGBTQIAP+ - a qual será referido, em antítese ao primeiro grupo, como progressista – pela instituição educacional. O primeiro grupo veio se manifestando para manter uma ordem vigente, baseada no princípio liberal, burguês e na existência de uma moral infinita consoante a religião cristã. A exemplo desses ideais em 2004 foi fundado no Brasil o Movimento Escola sem Partido, sob pretexto que o ato de educar seria responsabilidade da família e religião, enquanto os professores, livros e programas curriculares deveriam se limitar a transmitir um conhecimento neutro à valores sociais e a realidade dos alunos, o que se contradiz aos próprios integrantes do movimento e suas relações políticas comprometidas com os viés da direita (SILVEIRA, 2019, P. 17-37); Já entre 2016 a 2022, representado pelo Deputado e depois Presidente da República Jair Bolsonaro, esse movimento apareceu de forma calorosa na mídia e nos debates políticos educacionais alegando que o Projeto Escola sem Homofobia, do governo anterior, era, na verdade, uma

estratégia de doutrinar as crianças á promiscuidades, homossexualismo, e ideologia de gênero, por meio do que eles chamaram de “kit gay” que continha livros e objetos absurdos de estarem na mãos de crianças. (ALVES, 2017)

Hoje, em ambas as escolas e no âmbito político em geral, não se fala mais, de forma tão calorosa, sobre “kit gay e mamadeira de piroca” nas mãos de crianças. Porém, é perceptível, como isso e outras alegações contra o movimento LGBTQIAP+, são colocadas enquanto risco às crianças e aos valores morais da família, do Estado. Isso atrasou e minou a necessidade de se falar, de forma pedagógica, acerca da sexualidade e gênero nesse âmbito escolar, mantendo um discurso das próprias intuições educacionais de que as escolas não são locais apropriados de se falar sobre sexualidade gênero, assim como deixa deturpado as expectativas atuais e futuras de como as instituições educacionais estão contratando e lidando com perfil dos docentes e funcionários integrantes desse movimento progressista.

Induz-se, a partir das observações e análises anteriores e em homologia a tese de Beauvoir, no primeiro volume de “O Segundo Sexo”, que as pautas e os integrantes LGBTQIAP+ passaram por um duplo aspecto de definição no âmbito das instituições educacionais, primeiro tendo sua representação identitária e pautas apropriada pelo conservadorismo, que se autodefine como princípio natural da sociedade, e em seguida determinadas em negativas aos princípios morais dos conservadores, ou seja, foram transformadas no outrem dos valores educacionais, como uma anti-imagem ao âmbito escolar.

Essa anti-imagem se manifesta, não no sentido de representatividade LGBTQIAP+ nos espaços dentro das escolas, pois há entre o corpo estudantil, diversos alunos que falam e expressam suas particularidades diariamente entre si. Ela se reflete na negação das próprias instituições educacionais em tratar as pautas de gênero e sexualidade como saberes e conhecimentos, que devem ser tratadas na dinâmica ensino-aprendizagem para uma formação de perfil de cidadãos, que de fato atravessam a realidade dos alunos e permitam criar este espaço como experiências inclusivas e seguras a todos.

Diante dos cenários apresentados e seu ambiente controverso, entende-se que as perspectivas de futuros professores LGBTQIAP+ é atravessada por desafios e barreiras estruturais e sociais que perpetuam discriminação e desigualdade. A inclusão das pautas LGBTQIAP+ precisam ser incluídas de forma pedagógica no currículo escolar para configurar esse espaço em um ambiente respeitável, igualitário e acolhedor para o conjunto

LGBTQIAP+, que compreende ambos os componentes estruturantes e alvo da instituição escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência partiu, inicialmente, de um desenho de como a formação sociológica, que capacita a crítica e reflexividade; o PIBID, enquanto programa que fornece as escolas como espaço de convivência; e o contexto das pautas LGBTQIAP+, observada nas instituições acompanhadas, nos possibilitou destacar o espaço escolar como um local permeado de alteridade, ou seja, uma esfera que atua como um dos primeiros e mais longos contatos de crianças e jovens, em fase de crescimento, com outras em iguais e diferentes situações, preparando-as para a vida na sociedade. E isso contribui em experiências críticas e reflexivas desses seres, em formação básica, nas interações sociais, nas formas de existir no mundo e na preparação para lidar, com educação e respeito, frente a personalidades diversas.

Desse modo, permitida a presença em escolas estaduais no município de Viçosa (MG), através do programa PIBID, foi viável em dois núcleos de Sociologia aplicar-se uma metodologia de observação participante e investigar sobre o comportamento social cotidiano nas escolas, embasado, em seguida, por uma pesquisa bibliográfica abrangente, explorando estudos e teorias relacionados a documentos legais, as configurações, hierarquias, desigualdades e dinâmicas de poder que permeiam a instituição educacional e as pautas LGBTQIAP+. Esta combinação fortaleceu nosso entendimento das complexas interações que moldam a vida escolar e nos incentivou a considerar a partir disso, qual o perfil de cidadão que as escolas se propõem a formar, as dinâmicas presentes nas instituições educacionais e a perspectiva dos professores em formação, quanto a se o mercado de trabalho e escolas estão prontos para recebê-los.

No que diz respeito à função delegada às instituições de educação, identificou-se que as escolas tendem a contribuir como aparelho ideológico do Estado, conforme concebido por Althusser, para a manutenção de relações sociais consoantes aos valores de uma classe conservadora dominante. Examinado nos tratamentos diferentes e punitivos dado pela escola as relações afetivas dos alunos e na divergentes abordagem e reação entre os professores e alunos, que, em relação às discussões sobre gênero e sexualidade, enquanto os alunos lidam com esses temas de maneira mais natural, os professores muitas vezes demonstram cautela e rigidez, alegando que a escola não deve se envolver nesses debates, mesmo que essa seja uma

parte intrínseca da vida dos estudantes, ao mesmo tempo, que estão sempre a confirmar papéis de gênero e sexualidade normativos no ambiente escolar, assim salienta que o perfil que as escolas formam é intrínseco aos interesses e viés conservador liberal, burguês cristão.

Posto isso, ilustra-se um contexto em que as escolas têm sido palco de conflitos entre grupos conservadores e Comunidade Queer. Os grupos conservadores, fundamentados em valores religiosos e morais próprios, buscaram manter uma ordem tradicional na educação, a exemplo do Movimento Escola sem Partido, que argumentou que a educação deveria ser neutra em termos de valores sociais, levantando um pânico de denúncias ao dever dos professores e acusando projetos levantados em função de respeito e conhecimento das pautas LGBTQIAP+, como uma suposta doutrinação e profanação a segurança das crianças e jovens. Um cenário que perdeu sua intensidade, em discursos calorosos no âmbito político, mas que deixa à deriva as expectativas em relação ao mercado de trabalho de docentes e funcionários da comunidade Queer em instituições educacionais.

Mediante as observações, estudos e análises detalhados nesse relato de experiência, analisamos, inspirado pela tese de Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo”, que as pautas e os indivíduos LGBTQIAP+ enfrentaram um processo de dupla definição no contexto dos discursos educacionais, primeiro apropriadas pelos conservadorismo que domina as instituições e em seguida categorizados como risco aos valores e princípios morais dos conservadores, tornando uma espécie de outrem em relação aos valores educacionais, uma anti-imagem aos valores pedagógicos. O que ressalta a importância de formular políticas públicas educacionais, que conversem com as pautas de gênero e sexualidade, isso irá garantir através de diretrizes e legislações que as escolas possam promover a concepção de mundo, a formação de seus cidadãos e a maneira de existir nos espaços escolares de forma segura e inclusiva, buscando eliminar os estigmas e a marginalização das pessoas LGBTQIAP+.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

ALVES, Isabella Nara Costa. O silenciamento das temáticas de gênero e sexualidade: o avanço do conservadorismo no Brasil e no Recife. **Anais IV CONEDU: Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/37929>

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. Porto Alegre, Editora Zouk, 2007, p. 212-240.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C (1930-2002). **Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia** / Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon, Jean-Claude Passeron. Tradução de Guilherme Joao de Freitas Teixeira. Petrópolis (RJ): Vozes, 7 ed. 2010, 339 p.

CHAVES, Paula Nunes; DA NOBREGA, Terezinha Petrucia. O Movimento Queer: Pluralização de Corpos, Gêneros e Identidades in: **XIX CONBRACE & VI CONICE: GGT07**. 2015, p. 1-14.

LIAS, Norbert. Parte 2: Sugestões para uma Teoria de Processos Civilizadores in: **O Processo Civilizador**. Zahar: Rio de Janeiro, Vol. II, 1994, p. 193-241.

FACCHINI, Regina; DANILIAUSKAS, Marcelo; PILON, Ana Cláudia. Políticas Sexuais e Produção de Conhecimento no Brasil: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. **Revista de Ciências Sociais**, v. 44, n. 1, 2013, p. 161-193.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, n. 6/7, p. 67-82, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862>.

LARROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação in: **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, 2011, p. 04-27.

LISETE, Mónico; ALFERES, Valentim; PARREIRA, Pedro; CASTRO, Paulo Alexandre. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa in: **CIAIQ: Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, v. 3, 2017, p. 724-733.

MARIOSIA, Duarcides Ferreira. A Sociologia Como Crítica dos Processos Sociais. **CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, [S. l.], n. 5, 2009, p. 86-101. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17084>.

PICCHETTI, Yara de Paula. Reiteraões e transgressões à heteronormatividade na escola em tempos de educação para diversidade. Dissertação – Mestrado em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014, 138 p.

SCARTEZINI., Natália. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 14 e 15, 2010/2011, p. 26-31.

SILVEIRA, Zuleide S. Onda Conservadora: o emergente Movimento Escola Sem Partido. In: BATISTA, Eraldo Leme; ORSO, Paulino José; LUCENA, Carlos (Orgs.). **Escola sem partido ou a escola da mordça e do partido único a serviço do capital** [e-Book]. Minas Gerais, Uberlândia: Navegando publicações, 2019, p. 17-47. Disponível em: <https://www.editoranavegando.com/livro-escola-sem-partido>.

TOLEDO, Rodrigo. **Homofobia e Heterossexismo na Escola: um estudo sobre significações de professores que atuam na educação básica**. Tese - Doutorado em Educação: Psicologia da Educação - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018, p. 98-122.